

ESSES BICHOS MALUQUINHOS

Pedro Bandeira

© Adilson Freitas



Resenha

O elefante vive cheirando todo tipo de coisa com sua tromba comprida; a abelha pica bochechas com o espeto que carrega enquanto esvoaça por aí; o macaco dançarino espanta todos com suas meias com cheiro de chulé. O jabuti resolve se mudar para a roça; a lagartixa acaba por se casar com o jacaré; o porquinho não consegue esconder seu rosto vermelho depois de soltar um pum fedorento em plena sala de aula. O camelo está resfriado; o leão não sai da cama; o papagaio inventou de ofender a zebra e acabou levando um belo coice. A girafa e a avestruz precisam dividir o troféu dos animais mais pescoçudos, enquanto o canguru, é claro, vence o torneio de corda de pular. A baleia come o quanto tem vontade sem dar satisfação a ninguém, enquanto o morcego conta com a ajuda do vaga-lume para guiar seu caminho na noite escura.

Em *Esses bichos maluquinhos*, Pedro Bandeira usa a temática dos animais como ponto de partida para criar uma série de poemas bem-humorados e não realistas. Há poemas sobre animais que podem ser encontrados nas mais diversas partes do mundo, como pinguins, zebras, leões e cangurus – personagens que quase sempre aparecem humanizados no decorrer do poema, ficando com febre quando estão resfriados, não saindo da cama quando dormem demais, brigando, se casando, organizando competições, tomando sorvete, e assim por diante. É exatamente esse jogo entre os personagens animais e suas atitudes humanas muitas vezes estabanadas e ridículas que cria os efeitos de humor explorados pelo autor.



Coordenação:
Maria José Nóbrega



Depoimento

De Ricardo Prado,
jornalista e pai

Quando, no almoço, comentei com a Luísa que, mais tarde, depois que ela chegasse da escola, nós iríamos ler um livro do Pedro Bandeira, ela imediatamente aproveitou a deixa para recitar o que talvez seja o único poema que ela sabe de cor, justo desse autor. É o poema “Dor de dente”, que está no livro *Cavalgando o arco-íris*, que ela tem em sua estante e, de vez em quando, volta a ele.

Para o mal disfarçado orgulho dos pais, eu jornalista, a mãe professora, ela mandou bem na recitação, feita ali na mesa, de memória: “Tô com dor de dente, dor de dente, dor dente / Como dói o dente, dói o dente, dói o dente / Falar com a mamãe? Jamais! / O dentista dói muito mais!”. Aos oito anos, com vários dentes de leite pendentes que a obrigam a penosas negociações com o dentista que cuida de seu aparelho e precisa extraí-los para dar passagem aos definitivos, ela parece ter se identificado com o “eu poético” do poema. Pena que não tínhamos nenhuma testemunha de fora da família para que a exibição fosse completa!

À noite começamos a ler *Esses bichos maluquinhos!* Abrimos na página do sumário e combinamos ler quatro poemas por noite. Excelente negociante, Luísa acabou incluindo mais um na conta. Dessa primeira noite, o poema preferido foi “A macarronada da raposa” – o que revelaria uma tendência de predileção dela pelos temas mais escatológicos;

no caso desse poema, o risco de a raposa engolir a minhoca no meio do macarrão. No preferido da noite seguinte, “A meia do macaquinho”, o astro do poema é o chulé do bicho. E na terceira, “A baleia gulosa”, com o qual ela se surpreendeu com o neologismo “descomer”. Deve ter ficado a matutar que também é possível inventar algumas palavras que não existem.

Nessa noite, ela quis saber por que o autor sempre repetia a última frase do poema. Conferi que esse recurso se repetia em todos os finais, mas não soube responder à sua pergunta. Daí, ela se lembrou de que, tempos atrás, eu havia entrevistado Pedro Bandeira para uma revista; foi quando saí da ótima conversa que tivemos em seu sítio, em Mairinque, com o exemplar de *Cavalgando o arco-íris* autografado para ela. Então, combinamos que, se eu o entrevistasse novamente, iria levar essa pergunta a ele.

Mas foi na última noite de leitura que chegamos àquele que, com certeza, será o segundo poema de Pedro Bandeira que Luísa vai aprender a recitar de cor: “O porquinho porcalhão”. Ocasão não vai faltar para ela declamar esse curto poema sobre um bichinho que sofre de flatulência, e faz seus colegas de classe sofrerem também. Se cada pessoa adulta produz cerca de 1 litro de gases por dia, diluídos ao longo de estimados 14 puns diários (não me perguntem como, nem quem mediu isso, mas é possível encontrar essa média na internet), dá para esperar que cada criança lance na atmosfera uns sete ou oito puns ao longo de um dia. Juntando 20 e poucos em uma classe, é bem provável que alguns puns escapem dentro da sala de aula...

Um pouco sobre o autor

Nascido em Santos, São Paulo, em 1942, Pedro Bandeira mudou-se para a cidade de São Paulo em 1961. Trabalhou em teatro profissional como ator, diretor e cenógrafo. Foi redator, editor e ator de comerciais de televisão. A partir de 1983 tornou-se exclusivamente escritor. Sua obra, direcionada a crianças, jovens e jovens adultos, reúne contos, poemas e narrativas de diversos gêneros. Entre elas, estão: *Malasaventuras — safadezas do Mala-sartes*, *O fantástico mistério de Feiurinha*, *O mistério da fábrica de livros*, *Pântano de sangue*, *A droga do amor*, *Agora estou sozinha...*, *A droga da obediência*, *Droga de americana!* e *A marca de uma lágrima*. Recebeu vários prêmios, como Jabuti, APCA, Adolfo Aizen e Altamente Recomendável, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

A partir de 2009, toda a sua produção literária íntegra com exclusividade a Biblioteca Pedro Bandeira da Editora Moderna.

Leia mais

Do mesmo autor e da mesma série

- ✦ *Cavalcando o arco-íris*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *Mais respeito, eu sou criança!* São Paulo: Moderna.
- ✦ *Uma ideia solta no ar*. São Paulo: Moderna.

Do mesmo gênero

- ✦ *O menino poeta*, de Henriqueta Lisboa. São Paulo: Global.
- ✦ *Berimbau e outros poemas*, de Manuel Bandeira. São Paulo: Global.
- ✦ *O bicho alfabeto*, de Paulo Leminski. São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- ✦ *Poemas para brincar*, de José Paulo Paes. São Paulo: Ática.

